

O MITO FAMILIAR E O SUICÍDIO NA SÉRIE “MALDIÇÃO DA RESIDÊNCIA HILL”: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA

Thayane Rafaely da Silva

Profª. Mestra Valéria Sena Carvalho.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a relação entre a transmissão psíquica do mito familiar e o suicídio, a partir de uma leitura psicanalítica fundamentada em revisão da literatura, utilizando como material de análise a série “Maldição da Residência Hill”. A pesquisa caracteriza-se como pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa e com abordagem narrativa, que mobiliza diferentes autores e vertentes da psicanálise para compreender os mecanismos inconscientes que atravessam gerações e se manifestam no sofrimento psíquico. A análise dos fragmentos da obra audiovisual permitiu observar como o suicídio aparece como expressão de pulsões inconscientes e como o sofrimento familiar se transmite silenciosamente entre os membros da família. A série ilustra, de maneira simbólica e sensível, a influência das heranças psíquicas sobre os sujeitos e evidencia a importância de reconhecer e elaborar esses conteúdos para romper ciclos adoeceadores. A pesquisa confirmou a hipótese inicial ao demonstrar como a transmissão psíquica e o mito familiar se entrelaçam com as dinâmicas do suicídio, convidando a reflexões sobre a subjetividade, os vínculos familiares e os processos intergeracionais. Embora se trate de uma análise interpretativa, os achados contribuíram para ampliar a compreensão do fenômeno, destacando a relevância da escuta clínica e da elaboração simbólica. Assim, mais do que oferecer respostas prontas, este trabalho propõe novas inquietações e caminhos para futuras investigações.

Palavras-chave: Mito familiar; Suicídio; Transmissão psíquica; Psicanálise; Subjetividade.

Abstract

This study aims to analyze the relationship between the psychic transmission of the family myth and suicide, based on a psychoanalytic perspective grounded in a literature review, using the series “The Haunting of Hill House” as the material for analysis. The research is characterized as qualitative, bibliographic, and narrative in approach, drawing on different authors and theories from psychoanalysis to understand the unconscious mechanisms that traverse generations and manifest as psychic suffering. The analysis of fragments from the audiovisual work allowed the observation of how suicide emerges as an expression of unconscious drives and how family suffering is silently transmitted among family members. The series symbolically and sensitively illustrates the influence of psychic legacies on subjects and highlights the importance of recognizing and elaborating these contents to break harmful cycles. The study confirmed the initial hypothesis by demonstrating how psychic transmission and the family myth intertwine with the dynamics of suicide, inviting deep reflections on subjectivity, family bonds, and intergenerational processes. Although based on interpretative analysis, the findings contribute to broadening the understanding of the phenomenon, emphasizing the relevance of clinical listening and symbolic elaboration. Thus, rather than offering ready-made answers, this work proposes new questions and paths for future investigations.

Keywords: Family myth; Suicide; Psychic transmission; Psychoanalysis; Subjectivity.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho justifica-se pela necessidade de compreender o suicídio a partir da perspectiva da transmissão psíquica no contexto familiar. Tal abordagem se mostra relevante diante do crescente número de casos no Brasil, o que aponta para uma urgência em aprofundar as análises que envolvem fatores subjetivos e transgeracionais.

Segundo dados do Ministério da Saúde, desde 2016, o país tem apresentado crescente aumento nas taxas de suicídio. Em 2021, foram registradas 15.498 mortes por essa causa, o que corresponde a uma taxa de 7,2 por 100 mil habitantes. No estado do Piauí, a situação é ainda mais preocupante: a taxa de mortalidade por suicídio atinge 11,83 por 100 mil habitantes, superando a média nacional (Brasil, 2024).

Diante desses dados, torna-se fundamental investigar não apenas os aspectos sociais e econômicos relacionados ao suicídio, mas também os vínculos familiares, os mitos transgeracionais e os padrões de repetição psíquica que atravessam as gerações e impactam a saúde mental dos indivíduos.

Este trabalho propõe uma reflexão sobre um tema de elevada relevância em escala global, uma vez que o suicídio, por ser um fenômeno complexo, multifacetado e atravessado por determinantes subjetivos, sociais e culturais, tem ocupado lugar central nas discussões sobre saúde mental. No contexto familiar, suas repercussões ultrapassam a perda individual, alcançando dimensões profundas da estrutura psíquica daqueles que permanecem. O luto por suicídio, em particular, apresenta especificidades que o diferenciam de outras formas de luto, como a presença acentuada de sentimentos de culpa, vergonha, estigmatização social e dificuldades de elaboração simbólica. Essa categoria de luto é tida como mais complexa e com aspectos que podem dificultar seu processo de resignificação. Trata-se de uma vivência que frequentemente silencia ou isola os enlutados, intensificando o sofrimento e exigindo atenção clínica e social especializada.

Nesse meandro, a pesquisa partiu da seguinte problemática: de que maneira os mitos familiares e a transmissão psíquica influenciam para a compreensão do suicídio no contexto das relações familiares?

Para responder a problemática, utilizou-se como base a análise da série “Maldição da Residência Hill”, cuja narrativa oferece uma representação simbólica das dinâmicas familiares e dos traumas intergeracionais. A série permitiu ainda visualizar como conteúdos não elaborados e segredos transmitidos entre gerações podem influenciar comportamentos autodestrutivos, revelando aspectos importantes dos mecanismos psíquicos envolvidos no suicídio e suas repercussões no núcleo familiar.

Este trabalho teve como objetivo analisar a relação entre a transmissão psíquica do mito familiar e o suicídio, a partir de uma leitura psicanalítica através de uma revisão da literatura. Em seguida, foi realizada uma análise de fragmentos da série, buscando identificar como o suicídio e seus efeitos se manifestaram e se repetiram nas dinâmicas entre os personagens. Por fim, o estudo promoveu uma reflexão sobre o suicídio no âmbito familiar e suas implicações subjetivas, com a intenção de contribuir para uma compreensão mais aprofundada desse fenômeno e de seu impacto nas dinâmicas familiares.

O mito familiar pode ser compreendido como uma construção simbólica compartilhada pelos membros de uma família, que orienta sua identidade e seu funcionamento ao longo do tempo, atuando como uma forma de dar sentido à história familiar, oferecendo respostas para questões difíceis e sustentando a coesão entre gerações, conforme discutido por autores como Combier e Binkowski (2017).

A pesquisa constituiu um estudo de revisão bibliográfica, em que foram exploradas fontes bibliográficas já publicadas, no qual, de acordo com Gil (2017), o objetivo principal é oferecer uma base teórica sólida ao trabalho, além de identificar o estágio atual do conhecimento relacionado ao tema em questão. Esta abordagem possibilita abranger uma variedade mais ampla de fenômenos do que seria viável através de uma pesquisa direta.

A partir dos objetivos já citados, intencionou-se, ainda, ampliar a produção de saberes sobre o suicídio para a psicologia, a partir da lente interpretativa psicanalítica, no qual Freud (1901-1969) afirmou que o suicídio pode ser um desenlace de conflitos psíquicos, funcionando como a revelação de uma intenção inconsciente, impelindo à autodestruição advindas de causas externas ou internas (Brunhari; Darriba, 2014).

Vasconcelos e Lima (2015) consideram implicações mais amplas e profundas, como a transmissão do suicídio a partir do mito familiar, uma vez que essa herança pode ocorrer como tentativa de inserção do sujeito na história familiar ou ainda como um impedimento de simbolizar conteúdos herdados de outras gerações.

Nesse viés, a interação entre o mito familiar e a transmissão psíquica de traumas amplifica o risco de suicídio entre os familiares, assim, o suicídio pode ser compreendido como parte integrante do mito familiar, funcionando como uma forma de resolução psíquica transmitida entre gerações, perpetuando o ciclo de sofrimento emocional e de impulsos autodestrutivos.

Para dar continuidade, impende salientar que o cinema (filmes e séries) pode tornar possível a vivência de experiências além do real, como um sonho, que gera reações no sujeito, podendo revelar conteúdos inconscientes e, a partir desses atravessamentos, permite o

pesquisador - no caso com olhar da psicanálise - a perceber associações livres a conduzir reflexões e argumentos passíveis de uma investigação (Duarte; Carlesso, 2019).

Para abordar essa questão, recorre-se a trechos da série “Maldição da Residência Hill”, que não apenas explora o suicídio na família, mas também analisa a dinâmica familiar, permitindo aprofundar o tema da transmissão do mito familiar ao combinar elementos da cultura popular com as dinâmicas familiares.

Nesse contexto, a série citada, do criador Mike Flanagan, acompanha uma família de sete membros que obtém seu sustento renovando e vendendo antigas casas. Esta história se desenvolve quando eles decidem se mudar para a antiga "Residência dos Hill", onde eventos misteriosos, como pesadelos, barulhos estranhos, novos amigos imaginários e a revelação de cômodos secretos inacessíveis, começam a ocorrer. Então, a tranquilidade inicial é abalada quando a mãe, Olivia, tira a própria vida na casa, após uma tentativa de envenenar seus filhos mais novos, os gêmeos Luke e Nellie.

Diante dessa tragédia, a família abandona a residência e seguem suas vidas separadamente, jurando nunca mais retornar. No entanto, 26 anos depois da morte da mãe, os filhos se reúnem novamente no local, após o suicídio de Nellie, irmã gêmea de Luke, com o objetivo de impedir que Luke sofra uma "overdose" do mesmo veneno que a mãe tentou administrar a ele no passado. A partir desse fragmento da série, aprofundou-se o tema da transmissão psíquica do suicídio - da mãe para com os dois filhos. Esta trama aborda a relação entre passado e presente, explorando não apenas os aspectos sobrenaturais da casa, mas também os traumas do passado que continuam a assombrar os membros da família, a saber: o suicídio. No entanto, impende salientar que não foram abordadas as questões sobrenaturais que se apresentam na série, mas ao suicídio e a transmissão psíquica no meio familiar.

METODOLOGIA

Para garantir a eficácia da pesquisa bibliográfica, este trabalho prezou por boas condições na obtenção dos dados, analisando cuidadosamente as informações e suas possíveis incoerências. Foram utilizadas fontes diversas com cautela, caracterizando a pesquisa como narrativa, de base bibliográfica e abordagem qualitativa.

Entende-se que a pesquisa narrativa visa compreender fenômenos por meio de histórias, experiências e construções simbólicas, sendo adequada para uma análise subjetiva e interpretativa do suicídio e das dinâmicas familiares na série “Maldição da Residência Hill”. Já a pesquisa bibliográfica, segundo Gil (2008), consiste em um estudo examinado com base

nos materiais já publicados - principalmente livros e artigos científicos -, permitindo a construção teórica sobre o objeto de estudo a partir da análise crítica de produções existentes.

Essa pesquisa se tratou de uma “Pesquisa em Psicanálise”, em que Nogueira (2004) diz que a metodologia científica em Psicanálise é uma pesquisa enumerada em três aspectos: tratamento, pesquisa e teoria psicológica que estão sempre juntos - a pesquisa analítica só pode ser pensada na relação analítica e que Mezêncio (2004) destaca que a psicanálise não busca cobrir o real, e apesar disso e, também por isso, não é procurado um conhecimento completo, mas sim um suporte teórico para a análise em si, de modo que as lacunas no texto geram perguntas, e o método psicanalítico ensina que a verdade está nas perguntas, não nas respostas. Ou seja, esta pesquisa não se propõe a responder tudo, mas trazer novas perguntas.

O caráter narrativo, por sua vez, se destaca nesta pesquisa pois o cinema reflete o humano, que por perpassar o imaginário social, chega à psicanálise. Tanto o cinema quanto a psicanálise lidam com o inconsciente, utilizando-se de imagens simbólicas para revelar aspectos da psique. Ainda sobre as semelhanças entre o sonho, a fantasia e o cinema, a tarefa do psicanalista seria buscar os elementos simbólicos e reais que se conectam à experiência imaginária e à subjetividade humana (Vieira, 2008). Cabendo salientar aqui que como cinema, entende-se as narrativas audiovisuais, que neste caso foi a narrativa do fragmento da série analisada.

Além disso, a coleta de dados foi realizada com os descritores “mito familiar”, “suicídio”, “transmissão psíquica” e “cinema”, sob a ótica da psicanálise. Utilizaram-se os bancos de dados Google Acadêmico e SCIELO, fundamentais para ampliar o alcance do estudo. Os critérios de inclusão abrangeram publicações entre 2010 e 2024, além de autores clássicos da psicanálise e sociologia. No que se refere aos critérios de exclusão, foram descartados os estudos que não abordavam diretamente o conceito de mito familiar ou de transmissão psíquica sob a perspectiva psicanalítica, ou publicações que não apresentavam fundamentação teórica consistente, ou textos incompletos. A seleção envolveu uma avaliação crítica da qualidade e confiabilidade das fontes, com transparência quanto às limitações identificadas. Isso posto, a pesquisa foi realizada de setembro de 2023 a junho de 2025.

DESENVOLVIMENTO

- **O SUICÍDIO e outros conceitos**

A fim de aprofundar no tema, pode-se entender o suicídio a partir de muitas visões, em que, para Durkheim (2000[1987]), chama-se de suicídio qualquer morte que seja resultado direto ou indireto de um ato - seja ele positivo ou negativo -, feito pela própria pessoa e que

ela tenha consciência plena de que a ação resultará esse desenlace. Além disso, ação pode ser entendida como um ato complexo e paradoxal fundamentado em profundas questões de amor e de narcisismo¹, como um gesto extremo onde o sujeito abandona o objeto amado, mas o faz em nome de um amor do qual não consegue se desligar, representando um crime contra si, sustentado pela necessidade de manter um vínculo amoroso essencial para o seu narcisismo (Figueiredo; Guedes, 2023).

Para mais, a estruturação do sujeito, na perspectiva psicanalítica, envolve a travessia do Complexo de Édipo, que exige a renúncia ao objeto incestuoso e a inscrição da lei simbólica (Freud, 1996 [1923]). Quando essa travessia é falha, o sujeito pode permanecer enlaçado ao desejo materno, que, em certas configurações, assume um caráter destrutivo. Essa condição pode favorecer o surgimento da melancolia, marcada pela identificação com o objeto perdido e pela agressividade voltada contra o próprio ego, resultando, em casos extremos, em impulsos suicidas (Freud, 2013 [1917]).

Nesse sentido, a melancolia, que para Freud (2013 [1917]), é um estado psíquico doloroso que se caracteriza pelo desânimo, perda de interesse pelo mundo externo e uma autoestima rebaixada, que pode ser desencadeada pela perda de um objeto amado, ainda que essa perda seja apenas ideal (não real), diferenciando-se do luto, em que a pessoa está consciente da perda real. Este estado de melancolia se manifesta em autorrecriminações e em auto-insultos, evidenciando uma internalização dolorosa do objeto perdido. Com a perda desse objeto de amor desencadeia uma ambivalência entre ódio e amor, que enquanto a libido luta para se desligar do objeto, ocorre um intenso descontentamento moral consigo próprio e essa ambivalência intensifica a batalha interna, levando a libido a desconectar-se do objeto amado e odiado para retornar ao ego, revitalizando-o (Freud, 2013 [1917]).

De tal maneira, o eu melancólico inicia um processo de automortificação, sendo este, um fenômeno intrigante no qual o Eu se pune como se fosse outro. Compreende-se, então, que o suicídio revela uma complicada rede de processos psíquicos, desde a identificação narcísica até a melancolia, havendo ainda a interação entre o desejo de morte direcionado a outros e voltado para o eu, constituindo a base dessa compreensão complexa e multifacetada do fenômeno do suicídio (Brunhari; Darriba, 2014). Em outras palavras, a complexidade do suicídio parte da junção de variados processos mentais, desde a ligação e a percepção com a

¹O narcisismo é concebido como um fenômeno libidinal essencial para a teoria do desenvolvimento sexual humano, desempenhando um papel central na constituição do ego e na dinâmica das relações pulsionais. Ele não se limita a ser um aspecto do desenvolvimento psíquico, mas também configura um modo particular de compreender o psiquismo e sua interação com a atividade pulsional. Fundamenta-se na relação do ego com outras pulsões e é indispensável para entender as dinâmicas interpessoais e a ligação com objetos externos, estando presente em todas as formas de relação (Silva, 2014).

própria imagem até os sentimentos de tristeza profunda; as interconexões destes processos formam a base para entender de maneira complexa e variada ação do suicídio.

Para mais, a interação entre melancolia e suicídio revela como a incapacidade de renunciar ao amor por um objeto perdido pode levar a um retorno do afeto ao eu, de maneira destrutiva. No qual, o sujeito, incapaz de abandonar esse amor, internaliza o objeto perdido e, em um ato autodestrutivo, comete suicídio. Este ato paradoxal é uma tentativa de preservar o amor narcísico, mesmo que isso implique na aniquilação de si. Assim, o suicídio pode emergir como uma trágica resolução para o conflito entre o desejo de manter o vínculo amoroso e a impossibilidade de lidar com a perda (Figueiredo; Guedes, 2023).

Nesse sentido, outro conceito de Freud (1996 [1920]), a pulsão de morte. Este é um conceito psicanalítico que se origina da ideia de que existem duas classes de instintos² na vida mental do sujeito: os instintos de vida (Eros) e os instintos de morte. Nesse viés, os instintos de vida vêm com o intuito de construir e preservar a vida, enquanto os instintos de morte - trabalhando em silêncio - intencionam conduzir o organismo à morte e à sua dissolução. Desse modo, os instintos de morte se manifestam na pessoa como impulsos (auto)destrutivos ou agressivos, enquanto os instintos de vida buscam criar unidades vivas maiores e promover a evolução da vida, buscando constituir a substância viva em unidades cada vez maiores para prolongar e elevar a vida.

Por isso, é possível entender a vida como o resultado dessa interação conflituosa entre essas duas classes de instintos internos. Podendo a morte representar a vitória dos instintos destrutivos, enquanto a reprodução pode simbolizar a vitória de Eros. Vale ressaltar que as duas classes de instintos vêm operando e lutando uma contra a outra desde o surgimento da vida do sujeito (Freud, 1996 [1920]). Então, é consentido compreender também o ato do suicídio com influências desses impulsos destrutivos ou até mesmo uma manifestação dele.

É importante destacar a relação entre os comportamentos autodestrutivos e suicidas com a compulsão à repetição. Ela é uma força psíquica que leva o indivíduo a reviver experiências dolorosas do passado, conquanto não se lembre delas conscientemente e está relacionado à pulsão de morte, já explicitada, se expondo em situações que nunca foram agradáveis para a mente. Essa compulsão é um processo inconsciente e irreprimível, no qual a

² Freud empregou os termos "instinto" e "pulsão" de forma distinta em suas formulações teóricas. O conceito de "pulsão" ("Trieb" em alemão) possui um significado mais preciso, descrevendo uma força interna que direciona o comportamento humano, enquanto "instinto" abrange ações inatas e automáticas. A questão das traduções é relevante, uma vez que "Trieb" foi traduzido para o inglês como "drive", embora "instinct" tenha sido a tradução mais frequente. Essa divergência nas traduções pode gerar interpretações equivocadas sobre a intenção original de Freud. Em português, o uso de "pulsão" é considerado mais adequado, pois reflete com maior fidelidade as nuances do conceito freudiano, evitando a ambiguidade associada ao termo "instinto" (Gomes, 2001).

pessoa se coloca repetidamente em situações difíceis, repetindo velhas experiências sem entender por que a faz. Vale frisar conjuntamente que a ausência de memória do evento original cria uma sensação de novidade e de motivação durante a repetição da ação, mas a dor permanece, visto que esse ciclo repetitivo não desvenda o sofrimento acumulado (Macedo; Werlang, 2007).

Além disso, a compulsão à repetição por ser uma manifestação dos instintos profundos pode superar o princípio do prazer presente no inconsciente do sujeito, possuindo uma relação com o princípio do prazer bem complexo: embora reviver experiências reprimidas possa causar desprazer ao ego, pode também satisfazer impulsos instintuais que motivam essa repetição. A dinâmica cria uma situação em que o desprazer para um sistema coexiste com a satisfação para outro - sendo prazeroso e desprazeroso conjuntamente- fortalecendo a compulsão (Freud, 1996 [1920]).

Assim, é lícito entender que a dor psíquica resultante de experiências traumáticas pode deixar marcas profundas na mente, dificultando a capacidade do indivíduo de simbolizar tal evento - dar um sentido à dor acumulada. Pois, quando há a tentativa de representar essas experiências, o foco tende a estar na repetição da dor, perpetuando o ciclo de sofrimento. Logo, a dor, a compulsão à repetição e o ato estão conectados na busca do indivíduo por formas de lidar com seu sofrimento, de modo que a dificuldade em simbolizar pode levar o indivíduo a repetir compulsivamente esses traumas, tentando encontrar alívio. Por isso, o ato-dor é uma expressão dessa necessidade urgente em que a pessoa, em desespero, busca desesperadamente uma maneira de lidar com seu tormento (Macedo; Werlang, 2007). Por vezes, esse ato culmina por ser a tentativa ou até mesmo o suicídio.

Além do mais, saindo do modo de compreender os suicídios como eventos isolados que exigem apenas análises individuais, Durkheim (2000) traz em seu livro "O Suicídio" que é fulcral incorporar o conjunto de suicídios em uma sociedade como um fenômeno social, partindo da ideia que existe uma predisposição social para o suicídio. Durkheim propôs que o suicídio não é apenas um ato individual, mas socialmente determinado, classificado conforme os níveis de integração/desintegração e regulação social: egoísta, altruísta, anômico e fatalista. A série em questão apresenta como traumas não elaborados são transmitidos através de gerações. Durkheim, ainda, defendeu que a família seria uma das instituições que sustentam o sujeito socialmente e a série apresenta o suicídio não como ato isolado, mas como sintoma de histórias não ditas, afetos não elaborados e vínculos rompidos, ou seja, a desintegração dos membros da família com o sistema familiar.

É essencial considerar a inseparabilidade entre a psicologia individual e a psicologia social, no qual o advento do indivíduo está profundamente ligado à sua integração no coletivo. Esse ponto de vista, por sua vez, se baseia nos vínculos libidinais presentes na cultura, explicitando os processos afetivos individuais que se desenvolvem principalmente no contexto social. Porquanto, a afetividade do indivíduo é moldada por uma rede emaranhada que se forma através de suas interações com outros membros da sociedade. Nesse sentido, a psicologia individual e a psicologia coletiva se entrelaçam, baseando-se no processo de identificação (Castilho, 2019).

- **O MITO FAMILIAR e sua transmissão**

Para Freud (2014 [1914]), tanto os mitos quanto os tabus desempenham um papel fundamental nessa transmissão cultural e no impacto sobre a psique individual - através da internalização das normas a formar o superego do sujeito. Além do mais, a psicanálise sugere que tanto as realizações psíquicas individuais quanto as comunitárias têm uma fonte dinâmica comum, partindo do princípio de que o objetivo do mecanismo psíquico é aliviar as tensões causadas pelas necessidades, reconhecendo que, parte dessas necessidades pode ser satisfeita pelo mundo exterior, enquanto outra parte, frequentemente encontra obstáculos na realidade devido às regras e às normas.

Cabe salientar, ainda, que os sintomas do sujeito são também influenciados a partir dos discursos e das práticas da estrutura cultural da sua época, de modo que a satisfação pulsional do indivíduo é considerada inerente à vida na cultura. Nesse meio social, o mito possui grande valor por ser uma construção permanente que se conecta tanto ao passado quanto ao presente e ao futuro - tal qual o inconsciente para o sujeito. Do mesmo modo que os mitos, os tabus persistem na sociedade contemporânea, uma vez que as proibições que regem a sociedade não são muito diferentes dos tabus primitivos e vêm sendo transmitidos desde o início da sociedade (Garrit; Rudge, 2022).

Esses mitos que acompanham a cultura podem ser entendidos como uma maneira de transmitir psiquicamente as normas, as proibições e os desejos ao longo das gerações, revelando, a partir disso, a essência do totemismo original. Dessa forma, a repetição de rituais e a internalização de mitos ocorrem como mecanismos essenciais para a perpetuação da estrutura psíquica de uma geração para outra (Freud, 2014 [1914]). Seguindo por essa ideia de transmissão, o material da vida psíquica pode ser transmitido também em grupos sociais menores, como dentro de uma família. Nesse meio, é necessário um processo de transmissão

entre gerações que consiga sustentar a civilização, na qual a transmissão geracional da culpa se evidencia como fundadora da civilização e parte da constituição subjetiva de cada indivíduo (Vasconcelos; Lima, 2015).

Por tudo isso, fica claro que o sujeito não se define apenas por sua história particular e é profundamente estruturado por uma anterioridade em sua história, que, por sua parte, é transmitida transversalmente entre gerações, tornando-se essencial para sua constituição como sujeito (Calzavara, 2022).

No que diz respeito a essa transmissão entre gerações, ela pode ser constitutiva (integrando o sujeito à história familiar e à cultura) ou não-estruturante (dificultando a simbolização de conteúdos herdados de gerações anteriores). De tal forma que a narratividade a partir da transmissão recebida capacita o sujeito a fazer sua própria história, pois ele é moldado pelas narrativas de seus ascendentes, sendo constitutiva. Já o oposto - os não-ditos - permeiam as gerações com implicações específicas na subjetivação e na manifestação de sintomas, podendo aparecer como o proibido de dizer ou como o inominável (Vasconcelos; Lima, 2015). Através dos não ditos, a transmissão passa a ser não-estruturante.

Nesse quadro, para Azevedo e Brandão (2019) é comum que, na experiência de cada indivíduo, haja situações em que as palavras são insuficientes para expressar a profundidade das vivências, de tal maneira que o trauma se insere no campo da impossibilidade de ser verbalizado. Simultaneamente, esse não-dito pode ser entendido como um modo de negar desejo a determinados fatos, mas sem ignorá-los completamente, de modo que as poucas memórias que sobrevivem viram uma herança arcaica e, o que foi transmitido inconscientemente precisa de um processo de elaboração para que sua simbolização se torne possível.

Assim, a transmissão psíquica indica um processo involuntário de transmitir conteúdos psíquicos entre as gerações, sendo próximas ou distantes, de modo a contribuir para a organização psíquica e, ainda, assegurar a preservação de laços intersubjetivos. Por isso, entender a transmissão psíquica é essencial para auxiliar o sujeito a se posicionar diante de sua narrativa, para se tornar o protagonista da trama em que está simbólica e automaticamente inserido, a partir da escuta atenta de seu próprio desejo (Sanglard; Calzavara; Machado, 2022).

Além de tudo, voltando o foco para o individual, o narcisismo dos sujeitos impulsiona a necessidade de transmitir algo como um meio de garantir a sobrevivência psíquica - como parte da pulsão de Eros. Torna-se, por consequência, notável que os pais, impulsionados pelo

narcisismo, compartilhem com seus filhos o que herdaram, mantendo assim a continuidade das gerações ao transmitir afetos, narrativas, regras, tradições, mitos e segredos familiares. Cabe ressaltar que o modo que essa transmissão acontece desempenha um papel crucial na formação do sujeito e no surgimento de seus sintomas (Vasconcelos; Lima, 2015). Com isso, chega-se à transmissão do mito familiar.

Entende-se como mito familiar a representação pela qual a família se identifica e busca sua continuidade, sendo uma parte intrínseca da realidade familiar ao proporcionar respostas a perguntas complexas e infinitas (Combier; Binkowski, 2017). De mais a mais, Henriques e Gomes (2005) citam que essa transmissão do mito familiar é realizada de forma inconsciente por meio de discursos complexos que comunicam o que as palavras não conseguem expressar. No qual nela, o segredo não é explicitamente percebido, mas sempre sugere algo, seja por meio do não-dito ou do tabu - nas censuras ele vai perpassando e sendo transmitido.

O mito familiar é ainda composto por crenças compartilhadas e aceitas sem questionamento, de tal maneira que quando enfoques de falsidade são percebidos, tendem a ser também mantidos em segredo. Ele serve, na maioria das vezes, para manter a coesão grupal e fortalecer os papéis de cada membro da família, proporcionando uma espécie de proteção à existência ao superar angústias, especialmente as relacionadas à morte (Henriques; Gomes, 2005).

Com isso, o suicídio pode ser entendido também como um meio de manutenção da coesão familiar, uma dinâmica que envolve a transmissão patológica de traumas ao longo das gerações. Vasconcelos e Lima (2015) discutem essa transmissão patológica, que se dá quando o sujeito é incapaz de simbolizar os eventos traumáticos recebidos, resultantes de segredos não verbalizados dentro da família. A análise dos mitos familiares e dos "não-ditos" é fulcral para compreender essa transmissão, uma vez que podem ser os meios de se transmitir os segredos familiares, buscando investigar como esses elementos influenciam a percepção e a abordagem do suicídio no seio familiar, a fim de entender de que maneira mitos e questões não discutidas são passados entre gerações e como isso contribui para a interpretação e compreensão desse fenômeno sensível.

● ANÁLISE DA SÉRIE

Utilizando-se disso, o conceito de "não-dito" pode ser entendido de duas formas distintas: como algo proibido de ser dito implica uma interdição associada à vergonha e à

culpa, gerando segredos familiares; ou o "não-dito" como inominável, ou seja, algo que não foi registrado de forma alguma, permanecendo enraizado na família e resistindo à representação, resultando sempre em repetição (Henriques; Gomes, 2005).

A dinâmica do segredo e da repetição se torna evidente na série, especialmente na cena em que Olivia, a mãe, tenta envenenar os filhos mais novos, os gêmeos Luke e Nellie, e em seguida comete suicídio. Esse evento traumático permanece oculto para os demais irmãos - sendo conhecido apenas pelo pai - e os próprios gêmeos não compreendem completamente o que aconteceu. Com o passar do tempo, a lembrança do episódio se torna nebulosa, como se fosse esquecida ou silenciada, mas seus efeitos persistem, pois esse segredo recalcado se manifesta posteriormente em atos de repetição, como o suicídio de Nellie e o envolvimento de Luke com drogas, culminando em uma quase overdose, indicando a transmissão psíquica desse trauma não elaborado.

Assim, observa-se que os conteúdos não elaborados e silenciados no ambiente familiar - os chamados "não-ditos" - acabam por se manifestar nas gerações seguintes em forma de repetição. No caso da série, a tentativa de Olivia de matar os filhos e tirar a própria vida retorna simbolicamente nos atos autodestrutivos de Luke e de Nellie, revelando como o que não é nomeado ou elaborado pode se perpetuar e marcar profundamente a história familiar.

Assim, a narrativa evidencia a transmissão psíquica, onde a herança de conteúdos não elaborados circula entre os membros da família, podendo gerar sofrimento psíquico - de tal forma que essas manifestações podem ser entendidas como retorno do recalcado ou compulsão à repetição (Vasconcelos; Lima, 2015).

Essa herança psíquica na série também se transmite de forma simbólica, como quando Nellie, ainda criança, recebe do pai um relógio que pertencia à sua mãe, Olivia, logo após o suicídio dela e a saída repentina da casa. Esse objeto, carregado de valor afetivo e subjetivo para Olivia, passa a representar para Nellie não apenas uma lembrança da mãe, mas também o peso emocional de tudo o que não foi dito ou elaborado, e ainda tenciona a ideia de que o ato de morrer corresponde à realização de um destino imposto - o retorno ao útero, ao indiferenciado, à melancolia - ao suicídio. O simbolismo da herança recai com força sobre ela, que carrega esse legado silencioso ao longo da vida.

Já Luke, seu irmão gêmeo, também sente os efeitos dessa transmissão, especialmente por acreditarem estar conectados de forma intensa: tudo que afeta um, afeta também o outro. A série evidencia essa ligação nas cenas em que ele sente frio quando Nellie sente, ou dor no pescoço após o suicídio dela, indicando como o trauma se manifesta de forma compartilhada

entre os dois.

Destarte, é possível compreender que os conteúdos psíquicos não simbolizados e não elaborados são transmitidos entre os membros da família, ultrapassando o tempo e até a consciência. Na série, essa herança retorna sob a forma de sintomas e comportamentos repetitivos, revelando um mecanismo de compulsão à repetição. O sofrimento de Nellie e Luke não é apenas individual, mas é a expressão de uma dor familiar que não pôde ser nomeada, permanecendo viva através dos vínculos e das repetições silenciosas através dos indivíduos e do inconsciente.

Para mais, o suicídio da Nellie é aqui apresentado - de acordo Brunhara, Darriba (2014) - não apenas como um ato isolado, mas como parte de uma dinâmica psíquica complexa. Esta, por sua vez, atravessada pela transmissão psíquica e pelos não-ditos já explicitados, nos fazendo chegar ao mito familiar, que, para Combier e Binkowski (2017) é plural e polissêmico como o sonho, atuando como um operador psíquico ao oferecer uma interpretação do mundo que possibilita o tratamento da realidade e a resolução dos enigmas impostos pelo real.

Na série, o mito familiar é simbolizado pelo quarto vermelho - um cômodo da casa acessado por todos os membros da família, mas que assumia diferentes formas para cada um, de acordo com sua subjetividade. Para alguns, era uma sala de leitura; para outros, uma casa na árvore ou uma sala de dança. Todos utilizavam esse espaço, sem perceber que se tratava do mesmo quarto, revelando como o mito familiar opera de forma silenciosa, inconsciente e compartilhada, influenciando, portanto, a percepção e o comportamento dos membros da família. Esse mito, vivido intensamente pelos filhos e por Olivia, a mãe, permanecia invisível ao pai, que não compreendia as referências aos cômodos inexistentes na casa. As tentativas de questionamento do pai não eram acolhidas, o que permitia a continuidade do ciclo e o fortalecimento do mito como elemento estruturante - e conjuntamente aprisionador - da dinâmica familiar.

Ou seja, o quarto vermelho representa, de forma potente e simbólica, o mito familiar: uma construção plural, que assume formas distintas para cada membro da família conforme sua subjetividade, mas que ainda assim atravessa a todos, funcionando como um elo silencioso entre eles. A impossibilidade de reconhecer e nomear esse espaço comum reflete a dificuldade do grupo em falar abertamente sobre suas experiências compartilhadas. Embora o pai questione a existência desses cômodos "invisíveis", seus questionamentos isolados não são suficientes para romper a lógica do mito. Ao contrário, é justamente o silêncio dos demais

e a ausência de uma narrativa comum que fortalecem esse espaço simbólico - e, por consequência, o próprio mito -, tornando-o mais real, mais presente e fazendo do grupo familiar um sistema ainda mais coeso, embora marcado por sofrimento psíquico compartilhado.

Ainda sobre o quarto vermelho, pode-se entender que ele também funciona como um significante que se desdobra simbolicamente em múltiplas formas, adaptando-se ao desejo inconsciente de cada personagem. Pode-se pensar esse quarto como uma representação do útero materno - espaço de origem, mas também de aprisionamento psíquico - sobretudo quando a função paterna falha em instaurar a separação simbólica. Nesse sentido, o cômodo opera como metáfora do enigma materno não simbolizado: “o que quer minha mãe de mim?”. Essa questão, própria da estruturação edípica, aparece de modo deslocado nos filhos, que, sem uma resposta mediada pelo pai simbólico, tornam-se executores de um desejo destrutivo herdado.

No que tange ao inconsciente, a série o aborda de forma simbólica e profunda, sendo uma das cenas mais marcantes aquela em que Nellie, após sua morte, aparece para os irmãos no quarto vermelho - agora revelado como um espaço comum a todos - enquanto eles tentam salvar Luke de uma overdose. Nesse momento, Nellie compartilha uma visão que transcende a lógica linear do tempo: ela afirma que o tempo não é uma linha com começo, meio e fim, mas sim como confetes caindo concomitantemente - sugerindo que passado, presente e futuro coexistem. Essa percepção fragmentada e sobreposta do tempo remete à lógica do inconsciente, onde os registros psíquicos não seguem uma ordem cronológica e onde o trauma pode ser constantemente revivido.

Cronologicamente falando, o inconsciente é atemporal e não considera a ideia consciente de “tempo” (Pimenta, 2014). A overdose de Luke, por exemplo, é representada como um retorno ao momento do suicídio da mãe, quando ainda criança ele quase ingere o veneno que Olivia lhe oferece em uma xícara de chá de brinquedo. Já adulto, ele se vê novamente na mesma cena, ao lado da mãe, de Nellie ainda criança e da amiga imaginária da infância — figuras que reaparecem como representações psíquicas. A fala de Nellie, nesse contexto, surge como um consolo aos irmãos, tentando aliviar a culpa que sentem por sua morte ao sugerir que os eventos não poderiam ser controlados, pois fazem parte de algo maior, que ultrapassa o entendimento racional e consciente da família.

Pode-se entender, a partir de tudo isso, que no inconsciente, tudo o que foi vivido e experienciado pelo sujeito vai afetar na formação da sua subjetividade, de modo que não

exista uma linha temporal dos acontecimentos. Assim, para Nellie, não existia essa linha temporal do que ela sentia e do que a aconteciam, pois isso era desde o começo no campo do inconsciente no qual estava atravessada e sendo afetada.

Assim sendo, a identidade de Nellie, como a de qualquer sujeito, é constituída por múltiplos atravessamentos - incluindo a cultura, as experiências vividas e, no seu caso, elementos marcados pela melancolia e pela pulsão de morte. Um dos aspectos mais simbólicos dessa construção é a figura recorrente da “moça do pescoço torto”, que aparece desde sua infância nos pesadelos mais assustadores. Mais tarde, descobre-se que essa figura é, na verdade, uma representação de si mesma no momento do próprio suicídio - revelando o modo como o inconsciente, sendo atemporal, permite que medos futuros sejam vivenciados simbolicamente no presente, enquanto no futuro revive-se momentos passados. Essa imagem carrega consigo os momentos mais dolorosos de sua trajetória: a morte do esposo, a culpa por não conseguir ajudar Luke com as drogas e o medo intenso na infância.

De outro modo, a “moça do pescoço torto” representa não só o medo e a dor acumulados ao longo da vida - como a perda do esposo e a culpa pela situação de Luke -, mas também mostra como, por ser o inconsciente atemporal, essa ligação com o suicídio já existia desde a infância (interpreta-se aqui como pulsão de morte). Desde muito pequena, Nellie se via morta nessa figura, mesmo sem entender totalmente, carregando desde então a pulsão de autodestruição e a compulsão à repetição, que a faz reviver simbolicamente seus momentos mais dolorosos e seu próprio suicídio, reforçando um ciclo constante de sofrimento.

Ao longo da narrativa, essa figura retorna repetidamente como uma tentativa de representar a experiência traumática, que não pôde ser simbolizada. No fim, essa repetição culmina no próprio ato suicida de Nellie, evidenciando o retorno do recalcado por meio do pesadelo e a compulsão à repetição como formas de expressão de um sofrimento psíquico não elaborado.

Posto isto, a narrativa culmina no suicídio de Nellie e na quase overdose de Luke, acontecimentos que funcionam como desfecho simbólico do mito familiar e marcam o ponto de ruptura com o padrão repetitivo herdado da mãe. É nesse momento que a verdade finalmente vem à tona: a revelação do quarto vermelho - até então percebido de forma distinta por cada membro da família - e a compreensão dos eventos traumáticos ocorridos no dia em que deixaram a Residência Hill, incluindo a tentativa de Olivia de envenenar os filhos e seu suicídio.

Ao nomear o que antes era segredo, os não-ditos começam a ser elaborados,

permitindo a interrupção do ciclo repetitivo de sofrimento; o próprio suicídio de Nellie passa a ser compreendido como uma tentativa de lidar com afetos que não encontravam representação, funcionando, paradoxalmente, como um elo que fortalece os vínculos familiares. A partir dessa revelação coletiva, os membros da família conseguem ressignificar suas experiências, salvar Luke e seguir suas vidas, agora capazes de conciliar o pertencimento familiar com a realização de seus desejos subjetivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se observar, conforme discutido, a relação entre a transmissão psíquica do mito familiar e o suicídio, evidenciando como essas dinâmicas atravessam gerações e se manifestam nas vivências dos personagens da série “Maldição da Residência Hill”. Os eventos descritos na narrativa audiovisual ilustram conceitos fundamentais da teoria psicanalítica, mostrando como o suicídio pode se apresentar como expressão de pulsões inconscientes, ao mesmo tempo em que o sofrimento familiar se transmite e se perpetua silenciosamente. A série representa, de forma simbólica e sensível, o impacto profundo das relações familiares sobre o sujeito (e do suicídio sobre a família), reforçando a importância de reconhecer e elaborar esses legados psíquicos como forma de romper ciclos adoeceadores e construir vínculos mais saudáveis.

Este trabalho cumpriu seu objetivo geral e confirmou as compreensões preliminares construídas ao longo do percurso investigativo ao analisar a relação entre a transmissão psíquica do mito familiar e o suicídio, por meio de uma leitura psicanalítica fundamentada em revisão da literatura. A análise dos fragmentos da série permitiu identificar como o suicídio e seus efeitos se manifestaram e se repetiram nas dinâmicas entre os personagens. Por fim, promoveu-se uma reflexão sobre o suicídio no âmbito familiar e suas implicações subjetivas, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada desse fenômeno e de seu impacto nas relações familiares. Vale lembrar que a abordagem psicanalítica, ao invés de buscar respostas absolutas, convida ao questionamento constante, reconhecendo que a verdade emerge das perguntas - e não das respostas prontas. Assim, mais do que oferecer certezas, esta pesquisa pretendeu suscitar novas inquietações e abrir caminhos para investigações futuras.

Ressalta-se que, embora este estudo tenha se baseado em uma análise interpretativa e bibliográfica, seus achados contribuem para a compreensão da relação entre mito familiar, transmissão psíquica e suicídio. Ao trazer esse tema à tona, destaca-se a importância de reconhecer e elaborar legados psíquicos silenciosos, promovendo novas formas de vínculo

que rompam os ciclos adoecedores. Espera-se que esta reflexão incentive novos olhares e estudos sobre um fenômeno tão necessário quanto delicado.

Por fim, reitera-se a importância do estudo do mito familiar, da transmissão psíquica e de suas implicações com o suicídio, elementos estes que desempenham papéis cruciais tanto nas dinâmicas familiares, como na perpetuação de sofrimentos intergeracionais. Isto, pois trazer esses temas a debate é um passo essencial para romper os ciclos adoecedores, permitindo que os "não ditos" sejam ditos e elaborados - favorecendo a promoção da saúde emocional nas famílias e na sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Boletim epidemiológico: suicídio no Brasil: 2010 a 2021. Boletim Epidemiológico, Brasília, v. 55, n. 4, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2024/boletim-epidemiologico-volume-55-no-04.pdf>. Acesso em: 9 maio 2025.

AZEVEDO, L. J. C. de; BRANDÃO, E. P. Trauma e a transmissão psíquica geracional. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 8–18, abr. 2019.

BRUNHARI, M. V.; DARRIBA, V. A. O suicídio como questão: melancolia e passagem ao ato. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 197–213, jun. 2014.

CALZAVARA, M. G. P. Transmissão psíquica em Freud, Lacan e René Kaës: aproximações e distanciamentos. **Analytica: Revista de Psicanálise**, São João del-Rei, v. 11, n. 20, p. 1–19, 17 ago. 2022.

CASTILHO, P. T. O sintoma social na psicanálise: da democracia à anomia. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 144–153, maio 2019.

COMBIER, C. V.; BINKOWSKI, G. Adoção e mito: os destinos do “mito familiar” na cena da família contemporânea. Estudo a partir de um caso clínico de adoção na França atual. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 159–172, mar. 2017.

COUTINHO, A. H. S. de A. Suicídio e laço social. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 32, n. 59, p. 61–69, 1 jun. 2010.

DUARTE, I. T.; CARLESSO, J. P. P. Psicanálise, Cinema e Subjetividade: como a Sétima Arte interfere na Construção e Reconstrução da Subjetividade. **Research, Society and Development**, v. 8, n. 4, p. 1–16, 2019.

DURKHEIM, É. **O suicídio: estudo de sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Trabalho original publicado em 1897).

FIGUEIREDO, A. J. de; GUEDES, M. M. da C. Melancolia e suicídio: uma investigação à luz da psicanálise freudiana. **FAMINAS**, 2023.

FLANAGAN, M. (Criação). Maldição da Residência Hill. Estados Unidos: Amblin Television; Paramount Television. Série exibida pela Netflix. Acesso em: outubro de 2023.

FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 7: Sobre a psicopatologia da vida cotidiana** (1901). Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 18: Além do princípio de prazer, Psicologia de Grupo e outros Trabalhos** (1923-1925). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 19: O ego e o id** (1923). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Obras completas volume 11: Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos** (1912-1914). [s.l.]: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Luto e melancolia**: Sigmund Freud. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

GARRIT, M.; RUDGE, A. M. Freud: do mito à cultura. **Tempo Psicanalítico**, São Paulo, v. 53, n. 2, p. 6–20, 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, G. Os dois conceitos freudianos de Trieb. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 17, n. 3, p. 249–255, set. 2001.

HENRIQUES, M. I. G.; GOMES, I. C. Mito familiar e transmissão psíquica: uma reflexão temática de forma lúdica. **Psychê**, São Paulo, v. 9, n. 16, p. 183–196, 1 dez. 2005.

MACEDO, M. M. K.; WERLANG, B. S. G. Trauma, dor e ato: o olhar da psicanálise sobre uma tentativa de suicídio. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 86–106, 1 jun. 2007.

MEZÊNCIO, M. S. de. Metodologia e pesquisa em psicanálise: uma questão. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 10, n. 15, p. 104–113, 2004.

NOGUEIRA, L. C. A pesquisa em psicanálise. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 15, p. 83–106, 1 jun. 2004.

PIMENTA, A. C. O tempo em Freud. **Estudos de Psicanálise**, São Paulo, n. 41, p. 59–66, 2014.

SANGLARD, H. S.; CALZAVARA, M. G. P.; MACHADO, J. R. F. Transmissão psíquica em Freud, Lacan e René Kaës: aproximações e distanciamentos. **Analytica**, São João del-Rei, v. 11, n. 20, p. 1–19, jun. 2022.

SILVA, D. Q. da. A pesquisa em psicanálise: o método de construção do caso psicanalítico. **Estudos de Psicanálise**, São Paulo, n. 39, p. 37–45, 1 jul. 2013.

SILVA, L. B. M. da. A produção do conceito de narcisismo em Freud: uma análise institucional do discurso. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – **Instituto de Psicologia**, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/D.47.2014.tde-26112014-124343.

VASCONCELOS, A. T. N. de; LIMA, M. C. P. Considerações psicanalíticas sobre a herança psíquica: uma revisão de literatura. **Cadernos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 32, p. 83–103, 1 jun. 2015.

VIEIRA, D. S. Um olhar, uma escuta: a pesquisa em psicanálise através do filme documentário. **Centro Universitário Franciscano**, Santa Maria, 2008.